

# A linguagem tem uma pele: elementos filosóficos para uma leitura austiniana de Espinosa

*Language has a skin: philosophical elements for an Austinian reading of Spinoza*

**Gleiton Matheus Bonfante**



[supergleiton@gmail.com](mailto:supergleiton@gmail.com)

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

## Resumo

Neste artigo são descritos gestos de leitura teórico-filosóficos que propõem aproximar afeto, como entendido por Espinosa na *Ética* (2009[1677]), da Teoria dos Atos de Fala de Austin (1990[1975]) para a composição de perspectivas teórico-metodológicas que privilegiam corpo e afeto na investigação em Linguística Aplicada. São apresentadas duas correntes de pensamento sobre afeto na contemporaneidade, tensionando um ponto de disputa: o discurso. Em seguida a teoria de afetividade de Espinosa é apresentada para propor que afeto seja um efeito de sentido corporificado inerente ao existir na/pela linguagem. Emparelha-se então Austin e Espinosa para projetar a dimensão perlocucionária do ato da fala como a dimensão afetiva da linguagem e assim sugerir que a incorporação do conceito de afeto à pragmática do perlocucionário pode fornecer um corpo filosófico sólido para edificação de percursos analíticos interessados pelas disposições afetivas do discurso e de semioses em geral. A leitura austiniana de Espinosa informou teoricamente a tese de que a linguagem tem uma pele e que o interesse pelo corpo une a vulnerabilidade afetiva de Espinosa à vulnerabilidade linguística de Austin.

**Palavras-chave:** Afeto; Estudos espinosanos da linguagem; Ato de fala perlocucionário; Espinosa; Ética.

## Abstract

*This article describes theoretical-philosophical reading gestures that propose bringing affect, as understood by Spinoza in Ethics (2009[1677]), closer to Austin's Theory of Speech Acts (1990[1975]) for the composition of a theoretical-methodological perspective that privilege the body and affect in Applied Linguistics research. Two currents of thought on affect in contemporary times are presented, tensioning a point of contention: discourse. Next, Spinoza's theory of affectivity is presented to propose that affect is an effect of embodied meaning inherent to existence, which is discursive. Austin and Spinoza are then paired to project the perlocutionary dimension of the speech act as the affective dimension of language and thus suggest that incorporating the concept of affect into the pragmatics of the perlocutionary can provide a solid philosophical body for building analytical paths interested in the affective dispositions of discourse and semiosis in general.*



10.23925/2318-7115.2025v46i1e68017



## FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 21/08/2024

Aprovação do trabalho: 14/05/2025

Publicação do trabalho: 11/06/2025

## AVALIADO POR:

Yerko Muñoz-Salinas (Univ. Santo Tomás - Chile)

Ulysses Diegues (UFRJ)

## EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

## COMO CITAR:

BONFANTE, G. A linguagem tem uma pele: elementos filosóficos para uma leitura austiniana de Espinosa. *The Specialist*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 412-433, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e68017.



*Austin's reading of Spinoza theoretically informed the thesis that language has a skin and that the interest in the body unites Spinoza's affective vulnerability with Austin's linguistic vulnerability.*

**Keywords:** *Affect; Spinozian studies of language; Perlocutionary speech act; Spinoza; Ethics.*

## 1. Introdução

As palavras têm poder. De fato, elas têm. A palavra não se limita a ser veiculadora dos sentidos, a palavra é carne, é materializadora da vida, propiciadora dos acontecimentos.  
Luiz Rufino in: *Pedagogia das Encruzilhadas*

Na década de 1980, escreveram Elinor Ochs e Bambi Schieffelin (1989) que a linguagem possui um coração, para se referir ao modo como os componentes linguísticos produzem afeto. A metáfora plena de lirismo falhou em descrever a natureza performativa, epitelial, à flor da pele do afeto. Nas ciências da linguagem o afeto se faz presente historicamente subordinado ao campo semântico. O semanticista John Lyons (1977) acredita que o significado tem três camadas: descritiva, social e expressiva. A última refere-se às emoções e sentimentos expressos comunicativamente, faceta irrecusável da produção de sentido. O significado expressivo (afetivo ou emotivo) “representa os sentimentos, humor, disposição e atitudes do falante ou escritor em relação ao conteúdo proposicional da mensagem e ao contexto comunicativo.” (Besnier, 1990, p. 419). Apesar dessa tradição semântica, para a qual o afeto não é estranho, o debate contemporâneo acerca de afeto começa justamente no atrito com o discurso, porque nem todos concordam que afeto está relacionado ao significado – ou que significado seja afetivo. A proposição de semântico como um adjetivo apropriado para o afeto, representa a principal divergência entre as formas de pensá-lo na contemporaneidade, pois para a corrente de pensamento não-representacional, ‘o afeto não poderia ser “apenas” significado’ (Massumi, 2002). Acredito que esse debate profícuo na linguagem sobre sua indisposição ou disposição afetiva tenha sua origem nas disputas pelo sentido de afeto, que remonta à Ética espinosana.

Ao contrário de pensar afeto como separado da capacidade de significação, pretendo defender uma leitura de Espinosa em que afeto está irremediavelmente ligado ao discurso e à linguagem. Para tanto, proponho uma cópula filosófica entre Baruch Spinoza (1632-1677) John L. Austin (1911-1960). O pensamento de Austin (1975) tornou possível, somado a outros filósofos, uma rebelião construcionista, uma “virada performativa”, que instituiu uma perspectiva teórica

da experiência linguística eticamente defensável, uma inflexão filosófica que procura desatar os sujeitos de um inescapável destino a que o essencialismo lhes coligou.

Neste texto duas vertentes contemporâneas na conceituação teórico-filosófica sobre o afeto serão abordadas: a segunda é um grupo de autoras comprometidas com uma episteme performativa. Wheterell (2012; 2013), Segdwick (2003) e Ahmed (2008, 2010) são influenciadas pelos estudos sobre performatividade na teorização sobre afeto. Defendo que sua posição performativa não as faz menos espinosanas. A primeira é a corrente conhecida pela literatura (Wheterell, 2015) como espinosana de fato: ilustrada pelos autores Clough (2008), Massumi (2002), Thrift (2008). O estímulo inicial para essa escritura advém justamente de meu desacordo com a denominação de espinosana para essa vertente. Porque fazem uma leitura de Espinosa que entendo como literal, vou chamar essa vertente de atomista. Atomismo aqui se refere a um corpo filosófico que apela para uma representacionalidade atômica (esses pequenos corpos indivisíveis) e para o nada, como marcas da Ética a serem ressaltadas.

Assim, as seções 2 e 3 serão inspiradas por questões do tipo *Como discurso aparece ou desaparece em determinadas teorizações sobre afeto? Como as interpretações contemporâneas de afeto se diferem das de Espinosa?* Na seção 4 apresento uma introdução a Ética espinosana, focada no conceito de afeto e nos meandros da teoria da afetividade humana. A produção de afetos é, então, postulada como uma característica típica da linguagem e projetada no conceito de ato perlocucionário de linguagem. Finalmente na seção 5 abordamos o corpo e sua centralidade na produção de sentidos, estipulando-o como foco de coerência entre os trabalhos de Austin e Espinosa. Depois dessa leitura austiniana de Espinosa, que propõe a responsabilidade ética pelo uso da linguagem como uma posição teórica contemporânea sobre discurso e afeto, o texto é concluído.

## 2. Afeto é humano, o humano é discursivo

Para a perspectiva não-representacional, entendida como espinosana (ou atomista), afeto está fora do perímetro da semiose e do discurso. Afeto seria vibração e intensidade que extrapola o nível simbólico. Ele seria um fenômeno mais “rápido” (Massumi, 2002) que os fenômenos de sentido. Massumi (2002), Thrift (2006) e Clough (2008) podem ser considerados expoentes da vertente de pensamento não-representacional, que localiza afeto fora do escopo do significado

social. Suas agendas privilegiam um entendimento de afeto como um fenômeno autônomo, pré-consciente e pré-subjetivo. Embora considerados espinosanos no estudo de afeto, suas propostas acabam rendendo abordagens do afeto que considero contradizer minha leitura da *Ética* espinosana em quatro pontos cruciais: anti-humanização da teoria da afetividade humana; interpretação darwinista do conceito de natureza; separação entre matéria e discurso; entendimento de discursos e corpos como em desavença.

## 2.1 Anti-humanização da teoria da afetividade humana

Na teoria não-representacional, faz destoar do interesse humanista de Espinosa, a substituição de um humano senciente por um corpo fora do discurso. Ora, o humano ocupa lugar central na *Ética* que se assume como um exercício para dominar as paixões humanas e aprimorar nosso potencial de ação. Espinosa empreende uma semiologia do ânimo humano através dos afetos, coligando corpo e mente. Não há nada que afete o corpo que não possa ser transformado em conhecimento para emancipação.

Para Thrift (2008) afeto é uma interação entre energia e disposições hormonais que circulam em corpos, para Massumi (2002) ele é mais rápido que os fenômenos de sentido, para Clough (2008), afeto antecede a consciência. Cada um a seu jeito, institui-se afeto como um pulso sem sentido que caminha por corpos mudos, independente das constantes trocas simbólicas em que estamos socialmente imersos. Esse modelo não-representacional também ignora que os afetos a que temos acesso não são os pulsos químico-físicos em si, mas a nossa imaginação se esforçando por descrever os afetos que nos tocam: “enquanto indica o estado de um corpo, um afeto é, portanto (pela def. geral dos afetos), uma imaginação.” (Spinoza, 2009 [1677], p. 164). A imaginação, por sua vez “é uma ideia pela qual a mente considera uma coisa como presente” (Spinoza, 2009 [1677], p. 163). Assim, enquanto imaginação, afetos são, inegavelmente, fenômenos de sentido.

Althusser, leitor de Espinosa comenta o papel da imaginação na teoria da afetividade humana: “imaginação não é de forma alguma, em nada, uma faculdade, mas é, no fundo, somente o único e mesmo mundo no seu ‘dado’” (Althusser, 2005, p. 18). A imaginação, informada pelas afecções corpóreas seria a forma pela qual temos acesso ao mundo existente. Se aceitamos a imaginação como uma capacidade humana de significação, podemos defender que uma

perspectiva que exclui a significação (propriedade definidora de humanidade) diverge consideravelmente da *Ética* espinosana para superação das paixões.

## 2.2 O conceito de Natureza na *Ética*

A anti-humanização do afeto decorre de uma interpretação darwinista do conceito de natureza na obra de Espinosa. Em seu trabalho não se deve separar a Natureza de deus. No escólio da proposição 11 da primeira parte, deus é apresentado como causa anterior à existência. Já no corolário 2 da proposição 17, “Deus é causa livre”, a única (Spinoza, 2009 [1677], p. 27). “É causa imanente e não transitiva de todas as coisas” (Spinoza, 2009 [1677], p. 29). Mas é na demonstração da proposição 14, também na primeira parte do livro que Espinosa sugere uma cosmologia divina: “não pode existir e, conseqüentemente, tampouco pode ser concebida nenhuma substância além de Deus.” (Spinoza, 2009 [1677], p. 22). Com esse argumento ele indistingue deus e Natureza. A estratégia de Espinosa prevê desaparecer na Natureza um deus convocado como forma de explicação. Na natureza divina de Espinosa, penso que uma grafia diferente poderia sugerir um percurso de sentido mais apropriado: Natureza invés de natureza e deus ao contrário de Deus, já que “Deus age exclusivamente pelas leis da natureza.” (Spinoza, 2009 [1677], p. 27).

Vejam os o que diz Althusser sobre a relação deus-Natureza na *Ética*:

Deus não é mais do que natureza, o que equivale a dizer nada diferente de: ele é unicamente natureza. Epicuro partia também da natureza como aquilo fora do qual nada existe. O que é, então, este deus espinosano? Uma substância absoluta, única e infinita, dotada de um número infinito de atributos infinitos. Evidentemente, é uma maneira de dizer que o que possa existir só existe em Deus, seja este “o que quer que seja”, conhecido ou desconhecido. (Althusser, 2005, p. 16)

A compreensão da vertente não-representacional de natureza parece ser darwiniana, bioquímica, (e psicanalítica, no caso de Clough). Eles perdem de perspectiva a cosmovisão natural divina sugerida por Espinosa. Darwin foi, de fato, um grande inspirador do pensamento sobre afeto e emoções (ver Ahmed, 2014[2008]). No entanto, ao considerar o conceito de natureza muito literalmente, abraçamos precisamente o essencialismo, o principal descontentamento do construcionismo, pilar ético da pesquisa contemporânea em Linguística Aplicada. Não apenas porque essencialismo enrijece as possibilidades subjetivas e movimentação social, mas porque,

como explica Segdwick comentando o primeiro volume foucaultiano da História da Sexualidade, “a natureza e o essencialismo são e sempre foram os artifícios definidores da repressão / proibição” (2003, p. 11). Ao entender Natureza com a expectativa do natural, do *bios*, ela foi esquecida como a abrangência de todas as relações significativas com o mundo, com os que nos rodeiam, resultando na exclusão da linguagem e qualquer outro processo de significação. Natureza deve englobar a linguagem, mesmo que Espinosa tenha dito muito pouco sobre esta. Espinosa de fato nunca excluiu explicitamente a língua do campo dos agentes afetivos. E, mesmo se tivesse, poderia ser contradito, pois a linguagem é, contemporaneamente, a forma mais corriqueira, mais efetiva e probabilisticamente mais abundante de interação afetiva.

Assim, a vertente não-representacional se agarra ao conceito de natureza para tentar excluir os fenômenos do sentido do campo do afeto. Natureza é ali um conceito edificado no terreno conceitual da biologia que, embora seja apenas uma episteme, é conhecida popularmente por transversalizar qualquer discurso como baliza da razão. Ao abraçar a biologia como regime de verdade, se esquece que “A natureza não tem nenhum fim que lhe tenha sido prefixado e que todas as causas finais não passam de ficções humanas” (Althusser, 2005, p. 43-44).

### 2.3 Separação entre matéria e discurso como roubo imaginativo do Cartesianismo

Essa polarização entre corpo e sentido alude a uma separação entre matéria e significado etéreo como ilustra a perspectiva cartesiana. Proponho que a vertente não-representacional se alinha ao pensamento cartesiano porque procura invocar um sujeito universal, neutro, objetivo, mas também porque se distancia da *Ética* de Espinosa separando fenômenos intelectuais, simbólicos, discursivos, daqueles corporais, físicos afetivos. No escólio da proposição 2 da parte terceira, Espinosa escreve que “**a mente e o corpo são uma só e mesma coisa**” (Spinoza, 2009 [1677], p. 100). Visto que o intelecto e principalmente a imaginação (fenômenos do campo do simbólico) são investidos de afetividade em Espinosa, eu entendo esse gesto dicotômico como uma contaminação cartesiana que persiste de forma acrítica. Com razão, o prefácio de Espinosa à terceira parte da *Ética* critica os estudiosos de afeto que o trataram “não como coisas naturais” (Spinoza, 2009 [1677], p. 97), mas como algum defeito da natureza humana. Ele discorda que os afetos se opõem à razão e desconfia da possibilidade de alguém provar que a mente é capaz de

regular os afetos. Em seguida, comenta o trabalho de Descartes: “Sei, é verdade, que o muito celebrado Descartes, embora também acreditasse que a mente tem um poder absoluto sobre suas próprias ações, tentou aplicadamente, entretanto, explicar os afetos humanos por suas causas primeiras e mostrar, ao mesmo tempo, a via pela qual a mente pode ter um domínio absoluto sobre os afetos. Mas ele nada mais mostrou, em minha opinião, do que a perspicácia de sua grande inteligência (...)” (Spinoza, 2009 [1677], p. 97). Descartes jamais teria demonstrado, de acordo com o filósofo, a via pela qual a mente poderia dominar os afetos, nem a separabilidade deles.

#### 2.4 Discursos e corpos não estão em desavença

“(...) discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue.  
Judith Butler in: Como os corpos se tornam matéria

A mais grave consequência epistemológica da corrente de pensamento não-representacional é certamente a limitação do afeto fora do escopo investigativo do discurso. A pulsão anti-significado dessa vertente produz afeto como anterior àquilo que nos faz humanos, nomeadamente o simbólico, pressupondo a independência da linguagem e subjetividade dos processos afetivos. *Seria possível tangenciar eventos antes que eles adquiram significado?* A linguagem tem uma pele, que se erriça ao toque do mundo. É pelos seus sentidos que podemos compreender o afeto. É no simbólico que o afeto pode ser estudado, observado pela perspectiva das ciências humanas, sobretudo linguístico-discursivas. Separar o afeto do sentido acaba por torná-lo impossível de ser pesquisado (Glapka, 2019; Wetherell, 2012; 2013). Há uma infinidade de agentes afetivos, sobretudo intersubjetivos, dos quais a expressão mais pungente seria a capacidade linguística de produzir efeitos no Outro de diversas formas. Comunicação tem como origem etimológica “ação comum”, *communicatio*. A linguagem em seus meandros afetivos é essencial a essa ação comum, e nos toca de forma tão corriqueira que pensar em afeto e linguagem como independentes seria assumir que ser afetado seria algo raro. Não apenas afeto e significado estão profundamente entrelaçados (Ahmed, 2014; Wheterell, 2012; 2015), como sigo Glapka em reclamar ‘a noção afeto para os estudos semióticos tanto conceitualmente, quanto analiticamente’ (2019, p. 601).

Essa retomada conceitual de Espinosa em contraposição a um desejo epistêmico de cindir a linguagem do corpo, propõe reivindicar uma interconexão indefectível entre o reino dos sentidos, e a pele que nos circunscreve. Ao alimentar um corte conceitual entre a linguagem e o corpo para tentar apreender o afeto no seio de sua naturalidade pré-discursiva e pré-consciente exclui-se o próprio humano da observação, tanto porque ignora língua e cultura como dispositivos afetivos quanto porque despreza a natureza temporal estendida do afeto (Wheterell, 2015). Afeto não tem uma relação unívoca com o agora. O futuro afeta. O conceito de destino é um gatilho afetivo. Assim como o passado. O passado nos afeta. O instrumento material de afeto do passado é nada mais que textos: narrativas que nos tocam. Justamente porque textos nos tocam, acredito ao contrário da vertente não-representacional do afeto que semântico é sim um adjetivo adequado para afeto, pois uma experiência afetiva é ao mesmo tempo inenarrável e eloquente. Penso afeto como o efeito das coisas que se faz concretamente com as palavras: a excitação, a provocação, a ameaça. O afeto é um resultado provável da experiência da linguagem e da interação com qualquer outro ser vivo ou inanimado, natural ou não, real ou imaginado, eloquente ou aparentemente sem significado.

### **3. Afeto performativo: textura, aderência e produção de significado corporificada**

Confessadamente interessada no sentido do tato, Segdwick afirma que “o afeto tem uma textura” (2003, p. 13), e nossa percepção sensível é textural. O conceito de percepção textural é interessante porque, ao ressaltar o caráter perceptivo dos afetos, ela os endossa como uma forma de conhecimento mundano. Como ela explica: “Perceber a textura é sempre, imediatamente e de fato, estar imerso em um campo de narrativas ativas, hipotetizando, testando e re-compreendendo como as propriedades físicas agem e são exercidas ao longo do tempo” (2003, p. 13). Essa é uma posição espinosana, pois reconhece na interação afetiva com o mundo um gesto de conhecimento corpóreo. Adicionalmente, Segdwick introduz uma dimensão de historicidade às propriedades físicas, de maneira que as texturas dos afetos envolvem não só o conhecimento das disposições corporais, mas também a história e os discursos que os tocam. Acredito que a textura, no que se refere ao tato, é uma metáfora interessante para o afeto pois ressalta nossa alegoria da linguagem como pele, onde o afeto brinca. Mesmo em ambientes virtuais onde os corpos não estão presentes, o toque representa um fator importante no conhecimento afetivo.



Como escrevi em outro lugar: “O tato organiza a experiência sensual em aplicativos interpessoais, como experiência verdadeiramente mundana, corporificada e intensa. Tato, imagem, texto estão imbricados à estilização do sujeito do desejo nas plataformas contemporâneas” (Bonfante, 2016; p. 27).

Ahmed (2010) também está interessada na taticidade do afeto, mas não na textura. Ela sugere ser o afeto pegajoso (*sticky*), porque ele imprime uma sensação em nós, nos marca, gruda em nós e porque tal aderência pegajosa seria a lubrificação das relações simbólicas: a aderência típica de signos afetivos seria um elemento de coesão entre discurso, sociedade, sujeito e corpo. Ela acrescenta que a aderência é processada através do efeito histórico dos discursos e se propõe metodologicamente a seguir signos por textos sociais para estudar emoções, conceito que em Ahmed abraça também os afetos sem nome ou que ainda não são conhecidos ou não aconteceram. Ahmed (2010) argumenta, ademais, que o quanto mais essas palavras circulam, mais grudentas e afetivas elas ficam. O conceito de aderência pode ser produtivo para pensar discursos e signos que tocam nossos corpos. O discurso pegajoso é uma prática afetiva que se tornou aderente como efeito da sedimentação de discursos. Ahmed (2010, 2014) também inspira minha compreensão do afeto como forma mundana de conhecer e interagir com a realidade. Ela argumenta que o afeto envolve a avaliação, a qual nos molda enquanto são moldadas por nós: “Ser afetado por algo é avaliar algo. As avaliações são expressas em como os corpos se voltam contra as coisas. Dar valor às coisas é moldar o que está próximo de nós.” (Ahmed, 2010, p. 31). Essa perspectiva também é espinosana pois entende que afeto é a principal forma de conhecer nosso próprio corpo. Ahmed e Segwick pensam, como Butler (2002), o corpo pela sua dimensão discursiva. O corpo discursivo afeta e é afetado por muitos outros corpos. E os afetos, por sua vez, são fenômenos físicos com historicidade latente, seus significados não são transparentes, nem universais, mas paradoxalmente dissimulados e presentes em corpos e discursos.

Ahmed é muito explícita ao sugerir que afeto não é nem autônomo nem “corresponde a um objeto no mundo, ou mesmo que exista algo chamado afeto que possa ser compartilhado como objeto de estudo” (2010, p. 30) e, portanto, sugere uma interdependência radical entre afeto, discurso e contexto. Ao contrário da interdependência radical de Ahmed, Wetherell pretende justamente propor uma metodologia pragmática interdisciplinar para pensar o afeto como um campo de conhecimento. A psicóloga social oferece uma definição de afeto iluminadora: “produção de sentido corporificado” (Wetherell, 2012, p. 4). Em sua proposta, o estudo do afeto

se enquadra no escopo do estudo da prática social: “os atores sociais envolvidos na prática afetiva são certamente seres corporificados, contudo, são também sencientes, banhados na prática cultural” (2015, p. 152). Com tal asserção, ela também critica a dicotomia afetividade / discurso: “Não há linhas de divisão simples e fáceis entre afeto físico e discurso, ou entre captura discursiva e captura afetiva, ou entre alistamento discursivo e alistamento afetivo.” (2015; p. 152) e propõe o conceito de “prática afetivo-discursiva” para tangenciar analiticamente os fenômenos afetivos na sociedade. Na proposta metodológica de Wheterell, práticas afetivas são a base para uma investigação interdisciplinar sobre afetos que pressupõe os sujeitos e as práticas como “situados e conectados” (2012; p. 12). Wheterell aborda afeto pela sua circulação como sentimento que afeta individualmente, mas que repousa no seio discursivo de uma comunidade. Sua convicção na indissociabilidade do discurso de fenômenos afetivos nos inspira a pensar na cronologia das agendas na virada discursiva, somática e afetiva. Talvez não estejamos falando de três paradigmas. As três seriam faces da mesma virada, se concordarmos que o afeto é o elemento de coesão entre corpo e discurso. A contemporaneidade íntimo-espetacular (Bonfante, 2016) é outro ponto de conversão das viradas discursiva, somática e afetiva.

Embora o sentido de pragmático na proposta de Whetherell se refira a uma abordagem prática, acredito que na pragmática austiniana, o conceito de ato de fala perlocucionário é a materialização afetiva dos resultados da ação pela linguagem, sem deixar de ser impregnado de discurso. Afeto, como efeito de linguagem, pode, de fato, ser performado (ou materializado) por diferentes traços linguísticos (Ochs e Schieffelin, 1989; Besnier, 1990; Bucholz e Hall, 2016) da fonética à pragmática. O ato de fala – mais especificamente o perlocucionário – é o conceito linguístico que pensa a linguagem pelos seus efeitos materiais, por aquilo que ela produz nos corpos. Portanto, proponho um ato de fala observado por distintas dimensões linguísticas como um ponto de vista privilegiado para observação de disposições afetivas do discurso. A seguir retomamos Espinosa à luz do pensamento austiniano. Há algo irresistível no rico potencial que os legados austiniano e espinosano deixaram inexplorados. Portanto, retorno à *Ética* (Spinoza, 2009 [1677]) para pensar afeto e à Teoria dos Atos de Fala para explorar um dos tópicos que Rajagopalan (2017) acredita que “Austin deixou insuficientemente explorado”: o perlocucionário. O objetivo é propor elementos conceituais e teóricos para estudiosos da linguagem e ciências sociais para pensar uma pragmática dos afetos.

#### 4. Afeto como ato de fala perlocucionário

Nesta seção, proponho um diálogo entre os filósofos Bento Espinosa e John Austin para teorizar uma linguística corporificada, interessada em como a língua toca o corpo. Propondo o roçar da língua nos corpos como produção de sentido, revisarei aqui as noções de *afeto* na *Ética* (1677) de Espinosa e de *ato perlocucionário de fala* no livro *Quando dizer é fazer* de Austin (1975) para fornecer um itinerário teórico que entende língua e corpo como imbricados através de forças afetivas. O objetivo da discussão é propor um movimento teórico que abraça, não apenas, signo e corpo como dimensões do mesmo conhecimento mundano, mas também entende afeto como suporte semiótico da performance íntimo-espetacular (Bonfante, 2016) e da construção discursiva do corpo (Bonfante, 2020).

Em minha leitura de Espinosa, afeto refere-se a uma forma de conhecimento do mundo que passa pela nossa pele linguística, porque tanto o conhecimento quanto a comunicação dependem de sensações e emoções (afecções corporais) estimuladas contextualmente por/em atos enunciativos. Acredito que a diferença primordial entre o afeto espinosano e aquele proposto pelas leitoras de Austin (seção 3) é o ponto de observação. Para Segdwick (2003), afeto é textura, para Ahmed (2014), aderência. Ambas experiências táteis calcadas em como palavras, textos e práticas se tornam sensíveis, aderentes, texturizados, táteis como resultado de suas histórias afetivas de circulação. Wheterell (2012), por sua vez, foca na própria circulação, apostando no conceito de prática afetiva. De forma pioneira, Espinosa pensou afeto como potencial interrelacional, como um resultado de qualquer encontro mundano, um tipo de conhecimento apreendido do que sente o corpo. Em Espinosa, **o afeto é entendido como uma condição que causa variação positiva ou negativa no poder de ação de um corpo**. Na terceira parte da *Ética*, *A origem e a natureza dos afetos*, ele explica na terceira definição:

3. Por afeto, compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.

*Explicação.* Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto, compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (Spinoza, 2009[1677], p. 98).

Ele postula o afeto como inevitável e como único caminho para o conhecimento. Os afetos nos permitem, a partir de nosso próprio corpo, conhecer; nos conduzem possivelmente a dois tipos de conhecimentos: o que promove liberdade, autoconhecimento e responsabilidade ética comunal, a *ação*. E o que promove reações irracionais, nos faz servos das experiências do corpo, escravos dos vícios, a *paixão*. Os afetos podem, portanto, ser *ação* (bom) ou *paixão* (mau). Porém, o que diferencia os processos afetivos de conhecimento é a participação da mente. No pensamento espinosano, a mente é apenas parte da *ação*, conferindo a este tipo de afeto o caráter de adequado. A *paixão* é uma forma de conhecer e de ser afetado, contudo que não conta com o uso próprio do intelecto, podendo afetar negativamente nosso potencial de *ação*. Tornar clara essa aptidão humana e estimular o conhecimento razoável das *paixões* que nos movem é justamente a motivação da filosofia espinosana que visa libertar o humano de suas *paixões*. “Por meio desse poder de ordenar e concatenar corretamente afecções do corpo, podemos fazer com que não sejamos facilmente afetados por maus afetos.” (Spinoza, 2009[1677], Esc. prop. 10, parte 5, p.221) Para Espinosa a superação humana das *paixões* pelo conhecimento passa pela conversão do conhecimento do mundo pelo corpo em um conhecimento do mundo pela união do corpo e mente. Uma ideia inadequada – proveniente de uma *paixão* – pode se tornar adequada através do exercício do intelecto. Pela proposição 3 da quinta parte: “Um afeto que é uma *paixão* deixa de ser uma *paixão* assim que formamos dele uma ideia clara e distinta.” (Spinoza, 2009[1677], p. 216). Espinosa arremata a ideia da transformação do afeto em conhecimento na proposição seguinte: “Não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar um conceito claro e distinto.” (Spinoza, 2009[1677], p. 217). Assim afetos maus ou inadequados (porque provém da imaginação) se tornam afetos bons (quando refletidos, compreendidos). A *ação* depende da compreensão: “Mas nós só agimos à medida que compreendemos. Logo, agir por virtude nada mais é, em nós, do que agir, viver, conservar o seu ser sob a condução da razão” (Spinoza, 2009[1677], Demo. Prop. 24, Parte 4, p.172).

Por nos imprimir o mundo pelos signos corpóreos, os afetos podem nos produzir conhecimentos adequados ou não. Como já dito, embora formas de conhecimento inadequadas que fazem padecer, *paixões* podem se tornar formas de conhecimento adequadas e essa possibilidade move a engrenagem ética. Pela Proposição 1 da parte 3, “A nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente

padece.” (Spinoza, 2009[1677], p. 99). Já no corolário da mesma proposição se lê: “(...) quanto mais ideias inadequadas a mente tem, tanto maior é o número de paixões a que é submetida; e, contrariamente, quanto mais ideias adequadas tem, tanto mais ela age.” (Spinoza, 2009[1677], p.100), de modo que uma busca pela perfeição é indiscernível da prática de conhecer o mundo que o corpo nos apresenta, também o mundo linguístico. Veja que para Espinosa, a potência humana de superação das paixões jaz no conhecimento, que, por sua vez, começa nas relações afetivas que o corpo vive e a mente imagina. Os afetos do corpo são imaginações, que podem nos prejudicar, nos fazer padecer. Para ilustrar seu pensamento, retomo um exemplo trazido na Proposição 1 da parte quatro e na proposição 35 da segunda parte: o conhecimento do sol. O corpo pode saber que o sol é quente e que brilha, mas sem o intelecto, nunca se pode conhecer a intensidade real desse calor, ou mesmo suas reais proporções. Assim, iludido pelo ameno calor que o toca, o corpo pode sofrer queimaduras graves ou desidratação, levando ao padecimento do sujeito. Esse padecimento pode ser evitado pelo exercício do intelecto a partir do que sente o corpo.

O exemplo também pode ilustrar como ele não pensava corpo e alma/mente em relação nem oposta nem hierárquica como o fez Descartes (2004 [1641]), mas como partes constitutivas do sujeito subordinadas à Natureza. Como explica Geizer, para Espinosa: “a razão é dotada de uma afetividade peculiar e, portanto, não há oposição geral entre razão e afetividade” (2011, p. 38). Em contraposição à Descartes, ele rejeita que o intelecto (mente) se oponha ao afeto (corpo), e rechaça que intelecto possa neutralizar ou curar os afetos corporais. “Quando os homens dizem que esta ou aquela ação provém da mente, que ela tem domínio sobre o corpo, não sabem o que dizem (...)” (Spinoza, 2009[1677], Esc. Prop. 2, parte 3, p. 101). Embora o intelecto não possa neutralizar afetos, pode transformá-los em formas mais “adequadas” de afeto, ou seja, formas menos confusas de saber o mundo, de se deixar tocar por ele. Essa proximidade com o mundo e com seus mistérios é pra Espinosa uma proximidade de deus, uma beatitude de alma que todo homem livre busca. Na filosofia de Espinosa, ser vulnerável ao afeto é a característica que nos une como partes da Natureza – coletividade, sociabilidade, espacialidade – e como extensões de deus-Natureza. Ele reconhece que todas as coisas são dotadas de poder para agir, enquanto a essência de qualquer coisa seria um esforço para perseverar-se em si mesma, inalterada, inafetada. Essa tensão entre agir sobre outros corpos (afetar) e permanecer inafetado, que ele chama de *conatus*,

baseia a teoria da afetividade humana, porque o *conatus*, ou a tendência de permanecer inalterado é condição do afeto, como o silêncio é condição do ato de fala.

O conceito de afeto é pertinente à Linguística Aplicada por levar o corpo pensante ao centro do interesse pelo processo do conhecimento e de produção de sentido. Também pelo processo de conhecimento linguístico, defendo, pois seria um devaneio negar à linguagem sua propriedade de tocar corpos. Com razão, na demonstração da proposição 14, na segunda parte, Espinosa explica a multimodalidade do afeto: “O corpo humano, com efeito (pelos postulados 3 e 6), é afetado de muitas maneiras pelos corpos exteriores e está arranjado de modo tal que afeta os corpos exteriores de muitas maneiras” (Espinosa, 2009[1677], p. 66). A linguagem é uma desses modos de afecção. O corpo também é um modo para Espinosa. De acordo com Deleuze:

Não se define um corpo (ou uma alma) por sua forma, nem por seus órgãos ou funções; tampouco se define um corpo como uma substância ou um sujeito. Cada leitor de Espinosa sabe que os corpos e as almas não são para ele nem substâncias nem sujeitos, mas modos. (Deleuze 2002[1981] p. 128 e 129)

Portanto, há no pensamento de Espinosa esse convite à corporalidade que acredito ser muito bem-vindo nas linguísticas, aplicadas ou não. Ao contrário do que alguns autores (seção 2.2) tendem a acreditar, o afeto não é despojado da consciência, intelecto e discurso. Afeto é imaginação e, portanto, um fenômeno do campo do sentido. Corpo e linguagem se conectam através da relação afetiva com o mundo. É precisamente nessa interseção – ou interdependência – entre corpo, experiência e conhecimento que a linguagem como ação nos interessa, pois ela é o principal meio para que Natureza espinosana aja sobre os corpos alterando positiva ou negativamente seu potencial. A linguagem como ação é, sobretudo, uma prioridade ética para a Linguística Aplicada Interdisciplinar (Moita Lopes, 2006). Se “não há nada de que não se siga algum efeito” (Spinoza, 2009[1677], Esc. Prop 4, parte 5, p.217), como poderíamos pensar a linguagem como afetivamente inócua?

A linguagem tem uma pele. É nela que o afeto se mostra para o cientista da linguagem. Suas tatuagens, rugas, sorrisos são os “gatilhos afetivos do discurso” (Bonfante, 2022), as marcas discursivas, que o deixam ser observado. Também há afetividade sem marcas discursivas formais, mas afeto não é silencioso, é eloquente. Afeto é uma dimensão agentiva da linguagem. No entanto, pensar linguagem como ação e, portanto, como potencial afetivo foi possível somente 300 anos depois de Espinosa.

O filósofo inglês John L. Austin ficou conhecido pela revolução pragmática que sua Teoria dos Atos da Fala operou nas ciências da linguagem, ao propor que falar é agir. Austin (1990[1962]) observou e teorizou como as práticas linguísticas agiam, como alteravam estados de mundo, a medida que interagiam ativamente com a realidade social. Em sua conferência VIII, o filósofo descreve as três dimensões que são a base do conceito que ele desenvolveu como foco de análise: o ato de fala. Como a metalinguagem sugere, linguagem para Austin tinha potencial de ação. A *locução*, a primeira das dimensões, pressupõe as funções semânticas e referenciais da linguagem. A *locução* abrange a referência de um objeto, aponta-o no mundo. Diversamente, *ilocução* denota a função desempenhada no ato de falar alguma coisa, prediz o ato de enunciação como performance e dimensão do ato de fala. A segunda dimensão abrange a própria ação de enunciação e o poder formativo dos discursos em circulação. Ela prevê que palavras tem poder agentivo e falar é um ato explícito como em uma ameaça ou promessa etc., ou um ato implícito como em uma descrição que paulatinamente sedimenta significados acerca de um objeto.

*Perlocução* é a terceira dimensão do ato de fala. Ela desloca o foco dos estudos linguísticos da agência do emissor que atua com a linguagem e, por meio dela, para o alvo da linguagem, a quem ela é direcionada, dirigida: o receptor ou experienciador da linguagem. Antes, contudo de aceitar que toda enunciação era um ato, e que a língua é ação, Austin dividiu os enunciados de uma língua em dois grupos: afirmações constativas (que são descritivas da realidade) e enunciados performativos (capazes de construir a realidade). Se *locução* pode ser entendida como a incorporação dos enunciados constativos, *ilocução* se refere aos enunciados performativos. A estreia de *perlocução* foi apenas na Conferência VIII, e acrescentou, penso eu, uma camada interessante à observação do ato de fala: o receptor de uma ação discursiva, nos efeitos que ele/ela experiencia ou provoca. *Perlocução* denota os efeitos e conseqüências que ocorrem quando se pronuncia um ato. Butler, que se baseia no trabalho de Austin para discutir o potencial injurioso da linguagem, explica:

Austin distingue os atos de fala “ilocucionários” dos “perlocucionários”: os primeiros são atos de fala que, ao dizerem fazem o que dizem, e o fazem no momento desse dizer; os últimos são atos de fala que produzem certos efeitos como conseqüência; dizendo algo, um certo efeito se segue. O ato ilocucionário da fala é ele próprio o ato que efetua; o perlocucionário apenas leva a certos efeitos que não são os mesmos que o discurso em si. (Butler, 1997; p. 3)

Em outras palavras, pode-se dizer que *ilocucionário* e *perlocucionário* são ações performadas socialmente por práticas enunciativas, porém com duas dimensões distintas. Enquanto os atos ilocucionários são da dimensão da convenção / ritual, os atos perlocucionários estariam no campo de consequências / efeitos. O trabalho de Butler expandiu as teorias de Austin em relação ao corpo. Sua apropriação de Austin e a cunhagem do termo performatividade foram úteis tanto para expor a construção material dos corpos por meio de discursos (*Undoing Gender* 2004; *Bodies that matter*, 1993) quanto para discutir a excitabilidade do discurso e expor nossa “vulnerabilidade linguística”: o poder da linguagem para agir em nosso corpo, para nos ferir (*Excitable speech*, 1997). Neste último trabalho, a filósofa explica que as metáforas físicas para fenômenos linguísticos, como “palavras machucam”, sugerem que a linguagem “pode agir paralelamente à imposição de dores físicas e injúrias” (Butler, 1997, p.4), ou seja, a linguagem é afetiva.

No entanto, Butler reconhece que, embora a lesão física seja análoga à lesão linguística, linguagem e corpo são coisas distintas. É precisamente porque são coisas distintas que a “linguagem sustenta o corpo” (Butler, 1997, p. 5). Eu vejo um grande potencial nessa forma de pensar, pois acredito que o afeto é o nó de coerência entre corpo e linguagem. É através do afeto que a linguagem e o corpo se tornam análogos e interdependentes no gesto de conhecer. É através do afeto que a linguagem toca o corpo. Em outras palavras, afeto seria o efeito mais corriqueiro da interação do corpo com seus arredores – ou com a Natureza. Nesta intersecção entre afeto e atos de fala, penso no perlocucionário em relação ao corpo, não em relação aos corpos que produzem linguagem, mas àqueles que recebem linguagem, àqueles sobre quem a linguagem age, àqueles que sofrem ou sentem os efeitos da ação linguístico-discursiva. Esses efeitos da linguagem sobre os corpos também é escopo da linguística, sobretudo da linguística aplicada, que como ciência aplicada se propõe como interventiva e se lança ao desejo de transformação social.

Vejam como o corpo recebe centralidade na discussão de todos os autores e autoras que pensam afeto. O corpo é também a melhor razão epistêmica pra unir Espinosa e Austin para a teorização de uma linguística que se interessa por afeto.

## 5. Os corpos de Austin e Espinosa



Existem muitas distâncias entre John Austin e Bento de Espinosa. Existem também certas coincidências como o fato de terem morrido jovens e de suas obras aqui estudadas (*How to do things with words* e *Ethica*) terem sido publicadas postumamente. Como entendo, a relação de afinidade entre Espinosa e Austin se dá no interesse filosófico pelo corpo como dimensão do sentido/conhecimento. O corpo é a razão ética para a aproximação entre Espinosa e Austin, pois há em Espinosa espaço semântico para um corpo performativo, moldado pelos efeitos da ação semiótica dos afetos. De fato, na demonstração da Prop, 18 da parte 3, Espinosa parafraseia o afeto como estado do corpo (Spinoza, 2009[1677], p.111), sem, contudo, deixar de esclarecer que o estado do corpo é um fenômeno do campo da imaginação: “Enquanto indica o estado do corpo, um afeto é, portanto, uma imaginação.” (Spinoza, 2009[1677], p.164). Por outro lado, Austin propõe aquilo que o corpo sente pela ação da linguagem como uma dimensão do sentido linguístico. O corpo, sua voz, seu estilo e desejos são uma dimensão do sentido/conhecimento que responde à virada afetiva e que ganham vida no ato da enunciação. São elementos vivos da filosofia austiniana e espinosana.

Para Deleuze, “Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo.” (2002[1981], p.23). Um modelo que também interessa a Austin. Ao aceitar que aquilo que o corpo é, pode ser alterado por afetos de diferentes naturezas, sem, no entanto, deixar de ser corpo, a argumentação de Espinosa torna possível abraçar certa instabilidade para um corpo. De maneiras diferentes, os legados de Foucault e Austin também sugerem um corpo instável. Seja ele “utópico”: simultaneamente perfeito e inexistente (Foucault, 2014), seja ele “performativo” (Austin, 1975, Butler, 1997). Ao postular que a razão possui uma afetividade única, Espinosa resgatou o corpo e sua experiência no mundo como formas de saber e instituiu o intelecto como fenômeno afetivo, entrelaçando corpo e mente como inspiração filosófica para enfrentar as paixões que nos acometem.

Na leitura de Deleuze, o corpo em Espinosa é ressaltado ora por sua propriedade cinética, ora por sua propriedade dinâmica:

Como Espinosa define um corpo? Um corpo qualquer, Espinosa o define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. Na sua aparência, são duas proposições muito simples: uma é cinética, e a outra é dinâmica. Contudo, se a gente se instala verdadeiramente no meio dessas proposições, se a gente as vive, é muito mais

complicado e a gente se torna então espinosista antes de ter percebido porquê. (Deleuze, 2002[1981], p. 128)

Seguindo Deleuze, não seria uma discussão conceitual o que nos colocaria no campo da *Ética* espinosana, mas a vivência de e a reflexão sobre suas proposições que contornam o corpo como preocupação ética e interrelacional entre os humanos. Assim como em Austin, mas de forma diferente, somos convidados a ouvir o corpo. Austin devolve o corpo à linguagem por assumir que a fala faz, age sobre quem a recebe. O corpo que ele traz à discussão ganha ainda mais robustez em obras comentadoras: Shoshana Felman (1983) explorou o escândalo do corpo falante e inspirou Butler, sua orientanda, a cunhar o conceito de performatividade do gênero. A grande expressão do trabalho de Austin sobre performatividade e vulnerabilidade linguística Butler explora no *Excitable Speech* (1997), em que a performatividade se reinventa pela responsabilidade ética que cada ato enunciativo funda. Talvez, o fio de coerência entre os dois autores, não seja o corpo em si. Mas a sua presunção como algo a ser conhecido para a produção de sentido. Ambos os filósofos acedem ao conhecimento corporificado como ética. De beatitude para Espinosa. Da ação linguística para Austin. O que o corpo experiencia é tomado como acontecimentos significativos que produzem sentido linguístico e filosófico ao investir na presença.

Ao propor elementos filosóficos para uma leitura austiniana de Espinosa, o corpo é convocado como fenômeno central ao conhecimento, ao cuidado ético e à própria língua. Nessa inspiração espinosana para a pragmática, o corpo ganha outras dimensões:

(...) se somos espinosistas, não definiremos algo por sua forma, nem por seus órgãos e suas funções, nem como substância ou como sujeito. (...) Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade." (Deleuze, 2002[1981], p. 132)

Como fenômeno de sentido, o corpo se distribui sem circunscrições a fronteiras prévias e se mete sem pudores pelo nosso campo de conhecimento: *ideias, corpus linguístico, corpo sonoro, corpo social, coletividade. Seria possível, então, pensar uma linguística aplicada espinosana cujo objeto é o corpo? Ou os afetos do corpo? Acredito que sim, a partir de um simples deslocamento conceitual: ao contrário de pensar que o corpo é um discurso de que, como linguistas, cuidamos, devemos entender a linguagem em enunciação como um corpo que, por vezes, roçamos despreziosos e, por vezes, esquartejamos analiticamente, sempre ávidos por saber.*

## Considerações finais

Afeto em Espinosa e *ato de fala perlocucionário* em Austin são conceitos que inspiram uma leitura de Espinosa conectada com as demandas contemporâneas da Linguística Aplicada Indisciplinar e Linguística Queer. Esses conceitos se concentram na relação corpo/linguagem, teorizam o sujeito como destinatário da linguagem e do afeto e lidam com a experiência corporal de uma maneira que não se restringe ao campo dos sentidos sociais, mas considera a linguagem como uma experiência estética, ética e política. Minha proposta nessa discussão foi fornecer elementos filosóficos para discutir afeto por uma perspectiva performativa, uma das prioridades epistêmicas de uma linguística aplicada ética e responsável. A reflexão é justamente um convite para pensar sobre o corpo e como ele é tocado pelas experiências (semióticas) do mundo, a partir de Espinosa. Simultaneamente este artigo convida a pensar afeto como fenômeno de sentido e linguagem como a primordial força afetiva.

Certo de que uma perspectiva performativa da linguagem oferece uma possibilidade ética para a teorização da vida simbólica, descrevi conceitos de Espinosa por uma perspectiva austiniana. O filósofo John L. Austin precursor da teoria da performatividade oferece um conceito inspirador às áreas de LA indisciplinar, Teoria Queer, Nova pragmática e pode oferecer uma entrada teórica no trabalho de Espinosa propondo uma forma de produção de sentido que cuida de afetos.

## Informações complementares:

### a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:

*Por se tratar de autoria única, o autor declara ter redigido todas as seções deste artigo.*

### b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:

*Considerando a natureza qualitativo-interpretativista do estudo, todos os dados necessários para a reprodução das análises apresentadas encontram-se no artigo.*

### c) Declaração de conflito de interesse:

*O autor declara não ter filiação ou envolvimento com instituições que possam ter interesses financeiros ou não financeiros com o assunto discutido no artigo.*

### d) Avaliação por pares:

✓ **Avaliador 1:** Yerko Muñoz-Salinas (aceitar)

*Não tenho nada a acrescentar a este artigo, que é muito sólido e necessário. Entre seus méritos, destaca-se o fato de conseguir fazer distinções que frequentemente estão dispersas na literatura e, além disso, realizar uma revisão crítica desses conceitos, tensionando-os e colocando-os em jogo de maneira mais generativa. A única sugestão seria que as conclusões fossem mais extensas e detalhadas, ou que possibilitassem formular de maneira mais clara novas questões e limitações do texto.*

✓ **Avaliador 2:** Ulysses Diegues (aceitar)

*O artigo apresenta uma proposta inovadora e instigante ao aproximar dois importantes referenciais teórico-filosóficos: a Teoria dos Atos de Fala de Austin e a teoria de afetividade de Espinosa. A articulação entre afeto e linguagem é desenvolvida de maneira sólida, explorando a dimensão perlocucionária do ato de fala como uma manifestação afetiva. Esse diálogo entre os autores permite uma nova perspectiva de análise discursiva que privilegia o corpo e o afeto, trazendo uma contribuição valiosa para os estudos em Linguística Aplicada.*

*A discussão sobre a incorporação do afeto à pragmática e o enfoque nas disposições afetivas do discurso são bem fundamentadas e oferecem um novo olhar para a análise semiótica contemporânea. O artigo também é relevante ao explorar a vulnerabilidade como ponto de convergência entre os pensamentos de Espinosa e Austin, propondo uma teoria que compreende a linguagem como algo corporificado, tangível, quase sensorial.*

*A originalidade do tema e a profundidade com que é tratado tornam o artigo uma contribuição importante para o campo, especialmente por abrir novas possibilidades teórico-metodológicas. Há parágrafos extensos no texto, sugiro ajuste.*

*Recomendo, portanto, sua publicação, pois representa um avanço significativo nas investigações sobre o afeto e a linguagem.*

## Referências

AHMED, Sara. Happy Objects. In: GREGG, Melissa; SEIGWORTH, Gregg J. (eds) **The affect theory reader**. Duke University Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1215/9780822393047>.

AHMED, Sara. **The cultural Politics of emotion**. New York: Routledge, 2014 [2008].

ALTHUSSER, Louis. A corrente subterrânea do materialismo do encontro (1982). **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.20, 2005, p.9-48. Tradução de Mônica Zoppi-Fontana. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/critica20-A-althusser.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica20-A-althusser.pdf)

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

BONFANTE, Gleiton Matheus. **A linguagem na pele: afeto como ato de fala perlocucionário**, 2020. Tese de Doutorado em Interdisciplinar em Linguística Aplicada – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BONFANTE, Gleiton Matheus. Gatilhos afetivos do discurso e a compra e venda de estímulos semióticos no Twitter. **Revista Da Anpoll**, 53(1), 199–214, 2022. <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i1.1627>.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer**. Palavras e ação. Trad. Danilo Marcondes. Porto alegre: Artes Médicas 1990 [1962].

- BESNIER, Niko. Language and affect. **Annu. Rev. Anthropol.** 19, 1990, p. 419-451.
- BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Embodied sociolinguistics. In. COUPLAND, Nikolas (ed.), **Sociolinguistics: Theoretical debates**. Cambridge: CUP, 2016, p.173-197.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a Politics of performative**. London: Blackwell, 1997.
- BUTLER, Judith; PRINS, Baukje; MEIJER, Irene C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista de Estudos Feministas**, n 155, 2002. Tradução de Susana Bornéo Funck. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>.
- BUTLER, Judith. **Undoing gender**. Nova York: Routledge, 2004.
- CLOUGH, Patricia. (De)coding the subject-in-affect. **Subjectivity** 23, p. 140–155, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002 [1981].
- FELMAN, Shoshana. **The Literary Speech Act: Don Juan with J L. Austin, or Seduction in Two Languages**. Ithaca: Cornell University Press, 1983.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber vol. I**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GEIZER, Marcos André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GLAPKA, Ewa. Critical affect studies: on applying discourse analysis on affect, body and power. **Discourse & Society**, V. 30, n.6 p. 600-621, 2019. <https://www.jstor.org/stable/26775709>.
- LYONS, John. **Semantics**, Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MASSUMI Brian. **Parables for the Virtual: Movements, Affect, Sensation**. Durham: Duke University Press, 2002.
- MOITA LOPES, Luis Paulo. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada (In)disciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- OCHS, Elinor.; SCHIEFFELIN, Bambi. Language has a heart Text. **Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, Vol.9(1), p.7-26, 1989.
- RAJAGOPALAN, Kanavilil. Notas de conferência, 2017.
- RUFINO, Luis. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.
- SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009 [1677].
- SEGDWICK, Eve K. **Touching feelings: affect, pedagogy, performativity**. London & Durham: Duke University Press, 2003.
- THRIFT Nigel. **Non-Representational Theory: Space, Politics and Affect**. London: Routledge, 2008.

---

WETHERELL, Margaret. **Affect and Emotion: A New Social Science Understanding**. London: Sage. 2012.

WETHERELL, Margaret. Affect and discourse – what’s the problem? From affect as excess to affective/discursive practice. **Subjectivity**, p. 349–368 6(4) 2013.

WETHERELL, Margaret. Trends in the Turn to Affect: A Social Psychological Critique. **Body & Society** l. 21(2) 139–166 2015.